ANDREW MARR
UMA HISTÓRIA DO MUNDO
intrínseca

ANDREW MARR

UMA HISTÓRIA DO MUNDO

TRADUÇÃO DE BERILO VARGAS

Copyright © Andrew Marr, 2012

TÍTULO ORIGINAL
A History of The World

PREPARAÇÃO
Mariana Oliveira
Thadeu Santos

REVISÃO
Carolina Rodrigues
Rayssa Galvão

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

IMAGENS DE CAPA
Cartazes indianos em feira de Nova Déli, Eco Images/Getty Images
Gêngis Khan, por volta de 1200, MPI/Getty Images
Estátua de Sócrates, Academia de Atenas, Grécia, Krzysztof Dydynski/Getty Images
Alan Turing, arte de Angelo Bottino sobre foto do acervo da Sherborne School, Dorset, Inglaterra
Afresco com touro do palácio de Cnossos, Creta, Grécia, Museu Arqueológico de Heraklion
Napoleão em Seu Estúdio no Palácio das Tulherias, Jacques-Louis David, 1748-1825, National Gallery of Art, Londres
Atlas Coelestis, Johann Gabriel Doppelmayr, Nuremberg, 1742

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M322u

Marr, Andrew
Uma história do mundo / Andrew Marr ; tradução Berilo Vargas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

592 p.
Tradução de: A history of the world
Índice
ISBN 978-85-8057-839-3

1. Civilização ocidental - História. I. Título.

15-25605

CDD: 909
CDU: 94

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Harry, Isabel e Emily

Groenlândia
Alasca (EUA)
Islândia
Noruega
Canadá
Reino Unido
Irlanda
Estados Unidos
França
Portugal
Espanha
Marrocos
Argélia
Saara Ocidental
Mauritânia
Mali
Senegal
Gâmbia
Guiné-Bissau
Guiné
Serra Leoa
Libéria
Burkina Fasso
Níger
Nigéria
Benin
Togo
Gabão
México
Cuba
Haiti
República Dominicana
Porto Rico
Havaí
Belize
Honduras
Jamaica
Guatemala
El Salvador
Nicarágua
Costa Rica
Panamá
Trinidad e Tobago
Guiana
Suriname
Guiana Francesa
Venezuela
Colômbia
Equador
Equador
Peru
Brasil
Bolívia
Paraguai
Chile
Argentina
Uruguai
Ilhas Malvinas

Rússia
Suécia
Finlândia
Est.
Latv.
Lith.
R.
Bielorus.
Polônia
R.C.
Eslov.
Aus.
H.
Ucrânia
Moldávia
Romênia
Es.
C.
V.
BH.
Ser.
Bulgária
Itália
Al.
Mac.
Grécia
Turquia
Geórgia
Arm.
Az.
Casaquistão
Uzbequistão
Turcomenistão
Quirguistão
Tadjiquistão
Mongólia
China
Coreia do Norte
Coreia do Sul
Japão
Síria
Líbano
Israel
Iraque
Irã
Afeg.
Paquistão
Nepal
Bu.
índia
Bang.
Birmânia
Laos
Taiwan
Filipinas
Tailândia
Cam.
Vietnã
Brunei
Malásia
Sri Lanka
Líbia
Egito
Arábia Saudita
Omã
Iêmen
Sudão
Chade
Eritrea
Dj.
Sudão do Sul
Etiópia
R. C. A.
Camarão
Congo
Quênia
Somália
Uganda
República Democrática do Congo
Ru.
Bu.
Tanzânia
Angola
Zâmbia
Malaui
Moçambique
Zimb.
Namíbia
Botsuana
Su.
África do Sul
L.
Madagascar
Maurício
Reunião
Papua-Nova Guiné
Indonésia
Ilhas Salomão
Vanuatu
Fiji
Nova Caledônia
Austrália
Nova Zelândia

Sumário

Agradecimentos 11

Introdução 13

Parte um
DO CALOR PARA O GELO 23

Parte dois
EM FAVOR DA GUERRA 69

Parte três
A ESPADA E A PENA 121

Parte quatro
ALÉM DA MISCIGENAÇÃO CONFUSA 187

Parte cinco
O MUNDO SE EXPANDE 247

Parte seis
SONHOS DE LIBERDADE 301

Parte sete
O CAPITALISMO E SEUS INIMIGOS 373

Parte oito
1918–2012: NOSSOS TEMPOS 449

Notas 541

Bibliografia 555

Índice 565

Créditos das imagens 589

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas. Minha família, sempre perseverante — minha esposa, Jackie, e meus filhos, Harry, Isabel e Emily —, que atura há tanto tempo este arremedo de ser humano, muito distraído e quase sempre ausente. Contudo, este projeto também me forçou a me afastar de meus amigos, e também peço desculpas a eles. Agora vou endireitar minha vida e voltarei a beber na hora do almoço, como antes.

Este livro não teria acontecido sem o excelente Ed Victor, que cuidou e, algumas vezes, até desconfiou de mim por anos a fio; e muito menos sem a magnífica equipe da Macmillan, Jon Butler, Georgina Morley, Tania Wilde e Jacqueline Graham — outra amizade que dura muitos anos. Mary Greenham, que administra a maior parte da minha vida, trabalhou duro para me impedir de ficar doido. Se ela obteve sucesso ou não, o veredicto permanece em aberto. Entre os muitos historiadores que gentilmente me aconselharam, leram trechos do manuscrito ou ajudaram a encontrar informações, estão Mary Beard e a equipe da Open University associada ao projeto de filmagem. Kate Sleight fez um trabalho maravilhoso de limar alguns dos meus erros mais constrangedores, enquanto Sue Phillpott foi uma ótima copidesque: ao agradecer às duas, claro, reforço que quaisquer erros remanescentes são minha culpa.

O projeto em si, iniciado com a BBC, foi ideia de Chris Granlund, amigo e camarada, com quem hoje somo 22 horas de documentário para a televisão. Como em todos os meus outros empreendimentos, eu não teria trabalhado tão bem sem a maravilhosa London Library. Apesar de eu não ter chamado pesquisadores para compor o livro, muitos integrantes da equipe da BBC contribuíram com ideias úteis, objeções e conselhos, e eu os menciono a seguir. A equipe da BBC foi liderada por Kathryn Taylor, que conseguiu combinar documentário e drama — e o drama foi todo filmado na África do Sul. Os produtores que atua-

ram na linha de frente e me acompanharam por horas em vans trepidantes, aeroportos, hotéis suspeitos e locações empoeiradas são Robin Dashwood, Guy Smith, Renny Bartlett, Neil Rawles e Mark Radice, que sofreu um terrível acidente de bicicleta, mas já está recuperado. O homem responsável pela câmera, que passou muitos meses me mandando ir para a esquerda ou um pouco para trás, foi Neil Harvey, o melhor diretor de fotografia do mercado. Já o som ficou a cargo de Simon Parmenter. Chris O'Donnell era o membro da equipe mais animado e perspicaz; e eu também gostaria de agradecer a Alison Mills, Julie Wilkinson, Katherine Wooton e Michaela Goncalves por organizar um dos maiores projetos de documentário da BBC a ir ao ar em muitos anos.

Por fim, este livro também dependeu da gentil contribuição de historiadores e arqueólogos locais e de nossos assistentes na Rússia, Ucrânia, Alemanha, França, Países Baixos, Suíça, Espanha, Itália, Grécia, Turquia, Israel, Egito, Índia, China, Mongólia, Austrália, Japão, Mali, África do Sul, Peru, Brasil, Estados Unidos e Shropshire.

Introdução

...o que foi feito pelos homens, outros homens podem compreender.
Isaiah Berlin, citando Giovanni Battista Vico

...história... é uma chatice interrompida pela guerra.
Derek Walcott em *The Bounty*

Escrever uma história do mundo é uma coisa ridícula de se fazer. A quantidade de informações é vasta demais para que uma pessoa sozinha possa absorver, as leituras são intermináveis e a probabilidade de erro é imensa. O único argumento favorável para se escrever, ou ler, essa história é que não ter uma noção da história do mundo é ainda mais ridículo. Olhar para trás pode nos ajudar a olhar melhor para nós mesmos. Quanto melhor compreendermos como governantes perdem o contato com a realidade, ou por que revoluções produzem ditadores com mais frequência do que geram felicidade, ou por que algumas partes do mundo são mais ricas do que outras, mais fácil será entender a nossa própria época. O tamanho do assunto traz riscos evidentes: abstrações tediosas de um lado, uma algazarra desnorteante de boas histórias de outro. Selecionei assuntos e momentos que me parecem bem representativos e tentei vinculá-los a uma narrativa mais genérica. Contudo, eu poderia muito bem ter escrito outro livro, com uma seleção bem diferente; e sem dúvida sobraria assunto para outro.

Meu tema geral é claro. Devido à capacidade de compreender e dar forma ao mundo à nossa volta, nós, seres humanos, somos uma aceleração biológica de habilidades e pensamento, que, aos trancos e barrancos, levou a uma recente aceleração de nossos números e de nosso poder. Agora já sabemos bastante sobre a origem da vida neste planeta, sobre a estrutura do que existe à nossa volta e sobre o lugar do planeta no cosmos. Começamos até mesmo a explorar nossa auto-

consciência, essa estrela que fulgura no "despertar do mundo", como disse um filósofo. A população mundial hoje provavelmente é grande demais para que o planeta tenha condição de sustentá-la por muito tempo — embora isso dependa de como decidimos viver —, mas nossas capacidades tecnológicas nos dão pelo menos uma chance de sobreviver, assim como sobrevivemos a outros desafios. Por outro lado, esse brilhantismo técnico e científico não se reflete nas muitas decisões políticas que também deveriam ser motivo de orgulho.

Imagine se você fosse capaz de trazer à sua presença e falar com uma camponesa do tempo de Jesus, ou com um guerreiro asteca. Se lhes mostrasse seu celular e tentasse explicar como ele funciona (supondo que você saiba), não haveria a menor possibilidade de fazê-los compreender. Primeiro seria preciso descrever-lhes um sem-fim de conceitos estranhos — tanta coisa que já encheria um livro de história. Contudo, se você quisesse falar sobre Stalin, políticos corruptos e as guerras entre os ditadores e o povo no mundo árabe atual, eles logo compreenderiam. Avançamos muito. A maioria dos lugares hoje é muito menos violenta do que as sociedades primitivas. Um mundo sob os cuidados das Nações Unidas se deteriora em pobreza e estraleja de guerras, mas é melhor do que um mundo de impérios rivais. No entanto, no que diz respeito aos anseios, à raiva e às relações com o poder, não houve nada parecido com o progresso que se vê em nossa cultura técnica e científica. Quanto mais sabemos sobre a história de nossos primórdios, quando éramos caçadores-coletores, sobre nossa longa história como agricultores e sobre a atordoante aceleração do comércio e da indústria mundiais que nos trouxe para o mundo moderno, menos misterioso o mundo de hoje nos parece. No fim, espero que a maior parte do que se segue faça o leitor pensar não apenas em impérios há muito desaparecidos e em lugares distantes, mas no aqui e agora.

Enquanto isso, a história continua mudando. Esta época tem sido uma benesse para os entusiastas da história, com obras recentes e minuciosas nos mais variados campos do conhecimento jorrando das impressoras a cada ano — de escritos sobre o dinheiro a crônicas de reinos europeus esquecidos, de comparações entre o império romano e o chinês a novas descobertas sobre Stalin e a Segunda Guerra Mundial. Ninguém seria capaz de ler tudo, mas o que fez este livro tomar forma foram os muitos anos de leituras compulsivas sobre os mais variados assuntos. Só reduzi as notas de remissão a pontos de referência essenciais porque, se não o fizesse, a lista de "leituras adicionais" resultante seria infindável; estimo que foram lidos cerca de dois mil livros, sem contar panfletos e periódicos, para chegarmos ao texto a seguir.

Também tive a sorte imensa de produzir uma série de oito filmes sobre história mundial para a BBC, projeto que me permitiu visitar sessenta lugares em várias partes do mundo, desde os desertos peruanos à Ucrânia. Ver onde as coisas

aconteceram — a propriedade de Tolstói ou a aldeia de operários no vale dos Reis, no Egito — influencia nossa compreensão de determinados enredos. Com certeza esse projeto para a televisão mudou minha própria abordagem. As narrativas televisivas insistem em destacar *essa* pessoa fazendo ou dizendo *isso*, *para então* termos *esse* resultado. A televisão tem horror à abstração. Precisa de personagens, datas, ações. O resultado é que grande parte do que vem a seguir exemplifica um jeito de escrever história que andou fora de moda: a escola do "grande homem/grande mulher", ainda que com formas novas determinadas por histórias ambientais, econômicas e sociais.

Pois não existem forças abstratas na história. Tudo que provoca mudanças é natural. Uma parte é não humana — mudanças climáticas, vulcões, doenças, correntes, ventos e a disposição de plantas e animais que influenciaram a humanidade. No entanto, a maior parte da história humana é construída por escolhas humanas e músculos humanos. Em outras palavras, foi feita por indivíduos, atuando dentro da sociedade. Alguns causaram impacto maior do que outros, por isso foram "grandes". Como vivemos numa cultura democrática ligeiramente histérica, que faz pronunciamentos estridentes sobre igualdade para esquivar-se de falar sobre as imensas diferenças de riqueza e poder que traz dentro de si, há certa tensão com relação a isso. A história das pequenas mudanças nas práticas domésticas de famílias de agricultores, ou do papel das mulheres nas primeiras redes sociais mercantis modernas, não é mais "real" do que os feitos de imperadores ou inventores?

Em resumo, não. A história diz respeito a mudanças, e, portanto, faz sentido nos concentrarmos nos maiores causadores de mudanças. É verdade que todas as pessoas são iguais em dignidade e têm o mesmo valor potencial. É verdade que a maioria de nós leva uma vida de calmaria. Sim, todo mundo deveria ser igual perante a lei. Mas sugerir, a partir disso, que a história e as realizações de cada um são iguais às de todos os outros e também são igualmente interessantes é ridículo. O camponês da Borgonha que anda atrás dos bois, alimenta a família, vive uma vida sem mácula e morre pranteado por sua aldeia, à idade madura de 42 anos, não tem a relevância de uma figura histórica como Carlos V da Espanha ou Sidarta, o Buda. É interessante ler a respeito dos marinheiros do litoral da Europa que descobriram novos locais de pesca e fizeram aperfeiçoamentos pequenos, mas úteis, em seus barcos enquanto iam cada vez mais longe em busca de bacalhau. Cristóvão Colombo dependeu do conhecimento que eles acumularam. Entretanto, como vida individual, a história de Colombo é mais importante.

As "grandes figuras" nada mais são do que pessoas profundamente inseridas na sociedade ou na época em que viveram, o que lhes dá um número limitado de possibilidades de ação e pensamento. Fora alguns líderes religiosos, é quase

impossível encontrar um personagem histórico do qual se possa dizer, com segurança, que sem ele (ou ela) determinada coisa *nunca* teria acontecido. James Watt não poderia ter inventado a máquina a vapor cem anos antes ou se vivesse na Sibéria. Ele se apoiou nos ombros de muitos outros inventores, mecânicos, educadores e financiadores. Estava no lugar certo na hora certa. Se não tivesse inventado o condensador separado, alguém o faria. Mas ele *de fato* inventou esse novo tipo de máquina a vapor, e os comos e porquês daquele momento são importantes. Os povos da estepe mongol, forçados pela fome e percebendo a importância de seus cavalos como armas, teriam, de qualquer forma, atacado as sociedades estabelecidas à sua volta — e isso acontecia com frequência. Porém, se Gêngis Khan não tivesse unido os clãs rivais sob sua liderança implacável e inspiradora, a história de grande parte da Ásia teria sido bem diferente.

O que vem a seguir, portanto, é uma história elitista, uma vez que as pessoas com poder, dinheiro ou tempo disponíveis para mudar sociedades tinham origem, desproporcionalmente, nas camadas privilegiadas. Isso, às vezes, significa "reis e rainhas". Só um membro da privilegiada família governante mongol poderia ter se tornado imperador quando Aurangzeb subiu ao poder. Mas o fato de ter sido Aurangzeb, e não um de seus irmãos, trouxe consequências importantes, pois ele era um fanático religioso que levou a Índia mongólica à falência e inadvertidamente abriu as portas para os britânicos. Cleópatra era membro puro-sangue da casa grega que governava o Egito (não que fossem assim tão puros), mas o fato de ser ela, e não o irmão, quem mandava na época de Júlio César e Marco Antônio teve consequências para o mundo clássico.

Mais tarde, quando o remoinho de sociedades mais instruídas gerou uma variedade maior de personagens, as origens sociais dos reformadores se ampliaram. Ainda assim, os grandes homens e grandes mulheres são os que têm cérebro, coragem ou sorte para produzir os avanços que outros não conseguem. Robert Oppenheimer, pai da bomba atômica, tem mais importância do que os físicos inteligentíssimos de sua época que nunca estiveram em Los Alamos. Hitler era um vagabundo de classe média baixa que se tornou um brilhante demagogo. A Alemanha sem Hitler teria sido muito diferente, e sua história é bem mais importante do que a dos muitos oradores ultranacionalistas de cervejaria cujos partidos perderam o significado e desapareceram. Espero, portanto, que esteja claro que, quando digo que esta é uma maneira de contar a história que leva os "grandes" em conta, não estou sugerindo que nenhum deles se destaca fora da coincidência de sua época e de seu lugar — do momento social que os fortalece ou neutraliza. Nem estou usando a palavra "grande" num sentido que implique admiração moral. Alguns dos maiores entre os maiores do mundo foram também os seres humanos mais desprezíveis que já existiram.

No decorrer desta história, espero que os leitores desfrutem os detalhes específicos dos pequenos fatos que a iluminam — todos saqueados de verdadeiros historiadores. Num recente livro sobre a Itália, aprendemos que no começo da unificação italiana, em 1861, um total de 2,5% dos italianos falava o que nós hoje reconheceríamos como língua italiana.[1] Noutro, aprendemos que, para serem aprovados em seus exames, os burocratas chineses nos séculos XV e XVI tinham de memorizar 431.286 caracteres.[2] O primeiro fato lança luz sobre a luta da Itália para se tornar um país moderno. O segundo nos ajuda a entender por que a China levou tanto tempo para desenvolver uma grande classe média alfabetizada. Tivesse feito isso — tivessem os chineses dependido de um alfabeto fonético de vinte e poucas letras —, a história da China teria sido diferente.

A forma da história humana pode ser contada através de números — o número crescente de pessoas no planeta, de talvez alguns milhares de casais no nosso último momento de quase extinção ao salto de hoje para sete bilhões, que daqui a pouco serão nove bilhões. Se pusermos esses números num gráfico, com uma linha do tempo no eixo horizontal, ainda assim a história seria um simples, ainda que drástico, salto de aceleração.

Para começar, há os longos e planos hectares de tempo em que a população humana mal parecia mover-se: em torno de setenta mil anos com grupos familiares de caçadores-coletores espalhando-se lentamente a partir da África e mais ou menos dez mil anos que cobrem a invenção da agricultura, o desenvolvimento de sociedades tribais e de pequenas povoações, quando a curva populacional começa a subir aos poucos.

Em seguida, vemos os primórdios das civilizações, há cerca de 5.500 anos, com outra grande invenção depois da agricultura: a escrita. Vem então o resto da história humana, estrelando o comércio e a revolução industrial. Em nossa época, a linha populacional dispara em direção ao céu, graças, sobretudo, a águas mais limpas e à medicina. Por que essa aceleração? Por que a população permanece tanto tempo em fogo lento e, de repente, dispara? A origem de tudo está na capacidade de alterar o resto do mundo natural mostrada pelo *Homo sapiens sapiens* (e que nome mais arrogante nós inventamos — duas vezes "sábio", e não uma só!). Outras criaturas se adaptam ao meio ambiente à sua volta, desenvolvendo características e comportamentos que lhes garantem um nicho, um recanto biológico, onde possam sobreviver e até progredir. O simples fato de estarem vivas já é suficiente para mudar o ambiente, como pode ser confirmado por qualquer um que tenha visto um ninho de cupins ou observado o impacto de castores num rio. Toda vida existente altera o mundo, que está num processo constante de fluxo.

Os humanos, porém, com sua superioridade de intelecto e comunicação, usaram essa capacidade para moldar o mundo num nível diferente. Caçamos

outros mamíferos e provocamos sua extinção. Domesticamos e alteramos os animais até ficarem irreconhecíveis — é só dar uma olhada nos ancestrais da vaca ou nos do Highland terrier. Fizemos a mesma coisa com as plantas — transformando a espiga de milho, por exemplo, de mero pedaço de fécula do tamanho de um dedo num inflado barril nutricional. Agora, com a piscicultura, estamos alterando o tamanho, a forma e a musculatura dos peixes. Isso nos proporcionou um excedente de energia que nenhum simples predador poderia jamais obter. Usando-a, crescemos em tamanho, passando de grupos de famílias a tribos, aldeias, cidades e nações, o que nos permitiu mudar muito mais nosso ambiente original. Alteramos o curso dos rios e escavamos a cobertura mineral do planeta, dali extraindo carvão, petróleo e gás, que nos deram mais força energética, e explorando antigas reservas vegetais que viveram e morreram muito antes de nossa chegada. Em épocas mais recentes, nosso entendimento das coisas nos permitiu desenvolver remédios e tecnologias que aumentaram nossa expectativa de vida a níveis espetaculares.

Nada disso é resultado de forças impessoais. Tudo vem dos atos acumulados de milhões de indivíduos humanos, trabalhando em nosso interesse imediato, como as minúsculas criaturas que compõem os vastos recifes de corais — com a diferença, é claro, da autoconsciência e, portanto, da capacidade de fornecer observações sobre todo o processo. Um levantamento da história humana leva a esta simples conclusão: "O que impulsiona a história é a ambição do homem de alterar as condições em que se encontra para que correspondam às suas esperanças."[3] Uma raiz mais fácil de mastigar; uma cabra mais gorda; segurança nas árvores contra invasores; uma canção mais animada; uma história mais interessante; um novo sabor; mais filhos para a velhice dos pais; um jeito de evitar o cobrador; um relógio; um secador de roupas; uma bicicleta; uma passagem aérea para ir ao Sol — são essas modestas iscas e pequenas chicotadas que nos empurram adiante até que um novo tipo de líder dê outro salto.

Não há prova de que mudamos biológica ou instintivamente durante o período coberto por este livro. Houve pequenas mudanças evolucionárias. O modo como os dentes superiores e inferiores são dispostos foi alterado pelas mudanças de nossa dieta: a "sobressaliência" provocada pelo triturar mais constante de grãos veio bem mais tarde. Grupos humanos que mantinham vacas para tomar leite desenvolveram sistemas digestivos adequados, enquanto os asiáticos que jamais criaram vacas, não. As diferentes populações humanas que se distribuíram pela África em diferentes direções e acabaram se acomodando em pontos mais férteis separaram-se umas das outras. Desenvolveram diferenças na aparência: cor da pele, desenho dos olhos e variações sutis no formato craniano, mudanças que produziram suspeitas recíprocas quando essas distâncias geográ-

ficas foram novamente reduzidas. Mas, em nosso tamanho e força em geral, em nossa capacidade de imaginar, de raciocinar, de comunicar, de empregar delicada força manual, de planejar e suar, continuamos os mesmos. Sabemos mais. Não ficamos mais inteligentes.

Se não ficamos mais inteligentes, como foi possível nos multiplicarmos tantas vezes e melhorarmos com tanto êxito nossa vida material individual? A resposta é que somos criaturas que colaboram e aprendem umas com as outras, juntando as obras e os êxitos do passado e usando-os para construir coisas novas. Não nos apoiamos apenas nos ombros de gigantes, mas nos de nossos avós e tataravós. A demonstração foi feita recentemente por um pesquisador perspicaz que tentou construir uma torradeira elétrica do zero. Foi quase impossível. Precisa-se, primeiro, da história da exploração do petróleo, do plástico etc., assim como da especialização industrial que veio depois.

Entregue a si mesmo (sem ser perturbado por guerras, catástrofes naturais ou epidemias de fome), tal processo produz, necessariamente, essa aceleração na população humana. A escrita foi inventada na Mesopotâmia — e de modo independente na China, na América e na Índia. Contudo, quando entrou no circuito do Mediterrâneo, foi logo adaptada e desenvolvida. Não precisou ser reinventada pelos franceses, otomanos ou dinamarqueses. A agricultura foi inventada sete vezes em diferentes partes do mundo, entre doze mil e cinco mil anos atrás; mas, como já foi mostrado, a máquina a vapor não precisou ser inventada sete vezes para se espalhar pelo mundo.[4]

Há outra consequência, e essa pode nos fazer hesitar. A agricultura foi criada por milhões de pessoas que aprenderam, sem contato umas com as outras, sobre as formas das gramíneas, como cuidar delas, por onde irrigar e assim por diante. Foi uma mudança incorporada pela experiência da família humana e, portanto, uma mudança cuidadosa, ainda que as consequências tenham sido muito importantes e inesperadas. Com a revolução industrial foi diferente. A energia a vapor precisava de mineradores de carvão e metalúrgicos, de advogados e financistas, mas pouca gente que viajava de trem ou usava roupas produzidas por máquinas movidas a vapor tinha necessidade de compreender a tecnologia. A especialização significa que, no geral, os avanços já não têm muito a ver com a vida de cada um de nós separadamente; tudo que a maioria de nós precisa fazer é aceitá-los em confiança. À medida que a civilização humana fica mais complexa, é inevitável que os indivíduos passem a entender menos o seu funcionamento. Nossa capacidade de afetar individualmente o curso de nossa sociedade (que nunca foi muito grande) parece, portanto, ter desaparecido. Dos bilhões de seres humanos que hoje dependem da tecnologia digital ou da medicina moderna, pouquíssimos têm ideia, por mais vaga que seja, de como elas funcionam. Individualmente,

quase não temos controle algum sobre nada. É por isso que a política, nossa única e instável alavanca, continua a ter tanta importância.

E a história também é a saga dos solavancos e reveses que ocorrem quando mais gente, usando mais energia, constrói sociedades maiores. Nas primeiras fases da história, grandes reveses foram causados pela natureza: por erupções vulcânicas, às vezes suficientes para destruir lavouras, verões e até mesmo ecossistemas; por mudanças nos sistemas climáticos suficientes para destruir culturas humanas inteiras; e por eventos menores, como enchentes, terremotos e mudanças no curso dos rios. Boa parte da religião nos primórdios da humanidade é dedicada a uma angustiada e perplexa tentativa de pedir às chuvas que continuem vindo e aos rumores subterrâneos que cessem. A saga fica mais interessante quando os homens se tornam capazes de fazer algo mais do que apenas reagir — construir represas, irrigar ou se deslocar.

Mais adiante, os obstáculos ao desenvolvimento humano podem ainda ser causados por acontecimentos naturais, porém os culpados mais prováveis são os próprios humanos. Uma vez assentados, podemos nos tornar rapidamente vítimas da própria preguiça e ignorância, acabando com espécies animais que nos são úteis ou desmatando a terra para a agricultura, o que por sua vez expõe as camadas superficiais do solo à erosão dos ventos. Os moradores da Ilha de Páscoa cometeram esse erro. O mesmo fizeram os gregos antigos e os japoneses, que, no entanto, descobriram um jeito de superar essas dificuldades. Quando estendemos nossas transações comerciais sobre vastas áreas, logo começamos a espalhar doenças às quais alguns corpos são menos resistentes do que outros. Isso atrasou o desenvolvimento humano nas últimas fases dos mundos romano e chinês. E teve consequências ainda mais terríveis quando, depois de 1.300 anos de separação, os povos da Europa chegaram às Américas.

Então chegamos à pesarosa reflexão do poeta caribenho Derek Walcott, citada na epígrafe deste livro, afirmando que a história é uma chatice interrompida pela guerra. Com certeza houve muita guerra. Novas pesquisas mostram que as primeiras sociedades de caçadores-coletores tinham uma inclinação terrível à guerra: reinos e impérios significavam apenas mais gente e armas melhores, portanto brigas maiores.

Entretanto, a guerra costuma ter um efeito ambíguo. É horrível, claro. Mas o conflito leva a novas invenções, faz as pessoas pensarem mais profundamente a respeito das sociedades em que vivem e, ao destruir reinos, permite que novos surjam. A adversidade fortalece os sobreviventes. O desaparecimento de peixes ou de veados fáceis de apanhar obriga as pessoas a desenvolverem novas maneiras de pescar e caçar. As inundações obrigam a pensar em maneiras de proteger-se e em novas formas de irrigar as plantações; e, por exigirem que as aldeias traba-

lhem em conjunto, as conduziram na direção da formação de Estados. As pestes despovoam regiões, mas também podem, como na Europa do século XV, libertar os sobreviventes para levar vidas diferentes e mais aventurosas. As guerras espalham terror e destruição, mas também trazem novas tecnologias, línguas e ideias.

No meio de tantas afirmações ousadas, vale lembrar que a história equivale aos fragmentos que restaram de uma narrativa sepultada muito mais ampla. Alguns dos mais esplêndidos momentos de progresso ocorreram com povos (e em lugares) sobre os quais sabemos quase nada. Quem foi o primeiro a se dar conta de que rabiscos podem representar sons de partes de palavras, e não apenas pequenas imagens de outras coisas? Quem foi o primeiro a compreender que era possível ler sem dizer as palavras em voz alta? Quem fermentou grãos e tomou a bebida que surgiu do processo? Do sul da China à Arábia, solos úmidos e desertos que mudam de lugar escondem civilizações que um dia foram poderosas e desmoronaram por razões que talvez jamais venhamos a compreender.

Há muita coisa que não sabemos. Não sabemos por que os grandes palácios da Idade do Bronze grega foram esvaziados e como aqueles povos perderam a arte da escrita. Pela maior parte da história, tudo que nos restou foram fragmentos acidentais, as coisas que não podiam apodrecer ou que de alguma forma sobreviveram à lixação do tempo. Na maioria dos lugares, as construções de madeira e terra, os tecidos coloridos, as línguas, as pinturas, as canções, as músicas e as histórias desapareceram para sempre. As culturas feitas basicamente de madeira e lã, de canções e histórias são as mais difíceis de recuperar.

O que vem depois é muito desproporcional. Não apenas as infindáveis savanas da pré-história, mas os longos períodos de calma estabilidade social, as tréguas, serão despachados num parágrafo ou dois. Convulsões que ocorreram no período de algumas décadas em lugares pequenos, como a Grécia de 400-300 a.C. ou a Europa por volta de 1500, serão examinadas com atenção. Pois a mudança é cumulativa — porém também é descontínua e às vezes súbita. As condições para um rompimento revolucionário podem ser investigadas séculos ou décadas antes, mas o momento do avanço ainda é o nó da história.

Contudo, antes de começar, façamos uma pausa para admirar os 99%: os heróis esquecidos dos anos mais calmos, ocupados com o trabalho duro de simplesmente tocar a vida, seguir em frente e sobreviver — o camponês atrás do gado, os agricultores que trabalharam para alimentar a família e pagar impostos sem serem mortos por invasores mongóis ou recrutados por Napoleão, as mulheres que cavaram, deram à luz e ensinaram em dezenas de milhares de aldeias hoje desaparecidas. Este livro é sobre grandes revolucionários e a época em que viveram, mas tudo que nele se passa é cercado pelo resto de nós, que executamos tudo.

Vassili Grossman, o grande romancista russo da era soviética, que aparece mais adiante neste livro, escreveu em sua obra-prima, *Vida e destino*:

> O ser humano não entende que a cidade que ele criou não faz parte da natureza. O ser humano não deve largar a espingarda, a pá e a vassoura se quiser defender sua cultura dos lobos, da neve, da erva daninha. Começa a se distrair e divagar por um ano ou dois e pronto: os lobos saem da floresta, o mato cresce, a cidade se cobre de neve, se enche de pó. Quantas grandes capitais já sumiram no pó, na neve, na tempestade...

Sábias palavras de um historiador não profissional que, enquanto eu escrevia este livro, ressoaram o tempo todo na minha cabeça.

Da Roma e da Grécia clássicas à ascensão de Napoleão, do Peru à Ucrânia, de Gêngis Khan a Galileu — originalmente uma série de TV da BBC, *Uma história do mundo* revisita fatos e personalidades históricas e aponta paralelos surpreendentes entre tempos e geografias distantes. Um mapa diversificado e acessível dos erros e acertos de grandes líderes e civilizações inteiras, que triunfaram ou pereceram fazendo a história.

"Um livro incrível. O texto de Marr e seu conhecimento sobre todo o conteúdo são impressionantes." — *Spectator*

"Como os documentários que o inspiraram, é uma obra televisual feita com um estilo jornalístico brilhante." — *The Times*

ISBN 978-85-8057-839-3
9 788580 578393
www.intrinseca.com.br